

Desenhar raízes: um mapeamento afetivo de casas e percursos

Dibujar las raíces: una cartografía afectiva de casas y caminos

Drawing roots: an affective mapping of houses and paths

MARIANA FARIA DE MEDEIROS LEMOS¹

Universidade do Estado de Santa Catarina

Resumo

O artigo propõe reflexões sobre a construção de uma poética visual particular que tem a casa e o percurso afetivo como referências para realização de desenhos que se estabelecem como mapas-raiz, desenvolvido dentro do projeto de pesquisa intitulado Raízes Poéticas, vinculado ao Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e inspirado na proposta de desenhar raízes. O trabalho propõe uma experiência poética de rememoração dos percursos afetivos relacionados a antigas moradas e ao pensar sobre o corpo em deslocamento, assim como de que forma as memórias desses espaços e caminhos podem ser mapeados. Desse modo, o processo criativo apresentado neste artigo está diretamente ligado a aspectos do cotidiano e à busca por memórias de um determinado contexto vivenciado pela artista, ações estas que se desdobram nos traçados dos desenhos que compõem cada mapa-raiz.

Palavras-chave: memória; percurso; processo de criação; poética visual.

¹ Mestranda na Linha de Pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (CA-UFPel). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8832450297320874>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8591-0163>. E-mail: medeirosl-mari@gmail.com.

Resumen

El artículo propone reflexiones sobre la construcción de una poética visual particular que tiene la casa y el camino afectivo como referentes para la realización de dibujos que se establecen como mapas-raíz, desarrollados en el marco del proyecto de investigación Raíces Poéticas, vinculado al grupo de investigación Articulações Poéticas de la Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e inspirados en la propuesta de dibujar raíces. La obra propone una experiencia poética de recordar los caminos afectivos relacionados con los viejos hogares, pensar el cuerpo en desplazamiento y cómo se pueden mapear los recuerdos de esos espacios y caminos. Así, el proceso creativo presentado en este artículo está directamente vinculado a aspectos de la vida cotidiana y a la búsqueda de recuerdos de un contexto particular vivido por el artista. Estas acciones se desarrollaron en los trazados de los dibujos que componen cada mapa-raíz.

Palabras clave: memoria; ruta; proceso de creación; poética visual.

Abstract

The article proposes reflections on the construction of a particular visual poetics that has the house and the affective path as references for the realization of drawings that establish themselves as root maps, developed within the research project Raíces Poéticas, linked to the research group Articulações Poéticas from the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) and inspired by the proposal of drawing roots. The work proposes a poetic experience of remembrance of affective paths related to old homes, thinking about the body in displacement and how the memories of these spaces and paths can be mapped. In this way, the creative process presented in this article is directly linked with aspects of everyday life and with the search for memories of a certain context experienced by the artist. These actions are unfolded in the sketches of the drawings that makes each root map.

Keywords: memory; route; creation process; visual poetics.

Introdução

Este texto reúne reflexões sobre a construção de uma poética visual particular que tem a casa e o percurso como referências para a realização de três desenhos que se estabelecem como mapas-raiz desenvolvidos dentro do projeto de pesquisa intitulado *Raízes Poéticas*², de que faço parte. Assim, tomando como símbolo poético o movimento e o desenvolvimento das raízes em relação ao mundo, a proposta de desenhar raízes se baseia nos processos de criação artística no campo das Artes Visuais.

Como um fio que tece caminhos e territórios de passagens para desvendar processos autobiográficos, o desenho surge, aqui, como uma forma de justapor tempos e espaços vividos. Como ressalta Fayga Ostrower (1987, p. 18), em *Criatividade e processos*, “[...] as intenções se estruturam junto com a memória”, ou seja:

São importantes para o criar. Nem sempre serão conscientes nem, necessariamente, precisam equacionar-se com objetivos imediatos. Fazem-se reconhecer, no curso das ações, como uma espécie de guia aceitando ou rejeitando certas opções e sugestões contidas no ambiente. Às vezes, descobrimos as nossas intenções só depois de realizada a ação (Ostrower, 1987, p. 18).

Diante da proposta de desenhar raízes, passei a me questionar sobre quais rumos seriam tomados: se partiria de estudo de observação ou de raízes inventadas. Ao esboçar um primeiro desenho – uma casa com longas raízes –, passei a refletir sobre todas as moradas em que já vivi, as memórias e caminhos afetivos traçados a partir delas, e, assim, me questionei sobre como seriam as minhas raízes afetivas. Seria possível mapeá-las?

Usando como ferramenta o desenho, introduzo o tempo como fator de interação e relacionamento com o espaço. Além disso, “[...] outro fator altamente significativo é a memória operar com tempos interno, tempos vividos e vivenciados com maior ou menor intensidade, e não com tempos indiferentes cronometrados pelo relógio” (Ostrower, 1998, p. 75). Dessa forma, este trabalho desenvolveu-se a partir da reunião das memórias dos percursos e das antigas moradas e se estabelece enquanto tradução de tais memórias combinadas às intensidades afetivas e ao gesto do desenho.

² Projeto de pesquisas *Raízes Poéticas* (Udesc/CNPq), coordenado pela Profa. Dra. Sandra Favero, vinculado ao grupo de pesquisa *Articulações Poéticas* (Udesc/CNPq), coordenado pela Profa. Dra. Silvana Barbosa Macedo e pela Profa. Dra. Sandra Favero.

Onde cresce a raiz

Neste processo que envolve percursos e memórias afetivas, propus a construção de mapas que crescem como raízes e nascem das casas vividas por mim ao longo dos anos. Assim, partindo de memórias afetivas das antigas moradas, o trabalho propõe uma experiência poética de rememoração dos percursos afetivos relacionados a cada casa, “[...] empreendendo voos através de espaços em crescente desdobramento, pelos múltiplos e concomitantes passados-presentes-futuros que se mobilizam em cada uma das nossas vivências” (Ostrower, 1987, p. 19).

Considero a fotografia como minha principal linguagem para elaboração de trabalhos, e, sendo o desenho uma prática que já não me acompanha há alguns anos, o exercício de desenhar tornou-se, também, um desafio. Instigada em trazer para o exercício as mesmas questões presentes em meus trabalhos, encontro mais um questionamento: como trazer, para o desenho, as mesmas intensidades ligadas a tempo e a memória? Outra questão enfrentada foi o uso de materiais, pois, apesar de ter liberdade quanto ao suporte usado, os desenhos deveriam ser elaborados utilizando lápis, caneta esferográfica e caneta nanquim.

A casa, que é elemento recorrente em alguns dos meus trabalhos e está sempre aparecendo de forma subjetiva, surge, aqui, como ponto central de onde brotam minhas raízes, que, por sua vez, crescem traçando percursos afetivos na cidade e na paisagem. Eu me mudei muitas vezes ao longo dos anos e estive em um total de 13 casas, todas com muitas histórias que ficaram na memória – algumas marcaram mais que outras – e histórias das quais talvez já não me lembre mais, mas sempre penso na casa como um lugar de construção de afetos. Algumas vezes, ao transitar pelas memórias, sinto-me como se estivesse em suspensão no tempo, gerando uma espécie de encontro de cenas e tornando possível experienciar espaços e caminhos afetivos vividos. É nesse estado de suspensão que as linhas que compõem cada raiz foram sendo traçadas.

Diante da provocação de sair da zona de conforto e retornar ao desenho, busquei, na memória, momentos em que desenhava e me lembrei de quando contornava as linhas na palma da mão quando criança. A ação, embora simples, estimulou também uma experiência em que o tátil e o visual se encontram, despertando sensações que impulsionaram a produção. Isso me aproxima de Denilson Lopes (2007, p. 26-27), quando o autor explica que:

A experiência tem por função retirar o sujeito de si, fazer com que ele não seja mais o mesmo. A experiência revela e oculta, tem espaços de luz e de sombras.

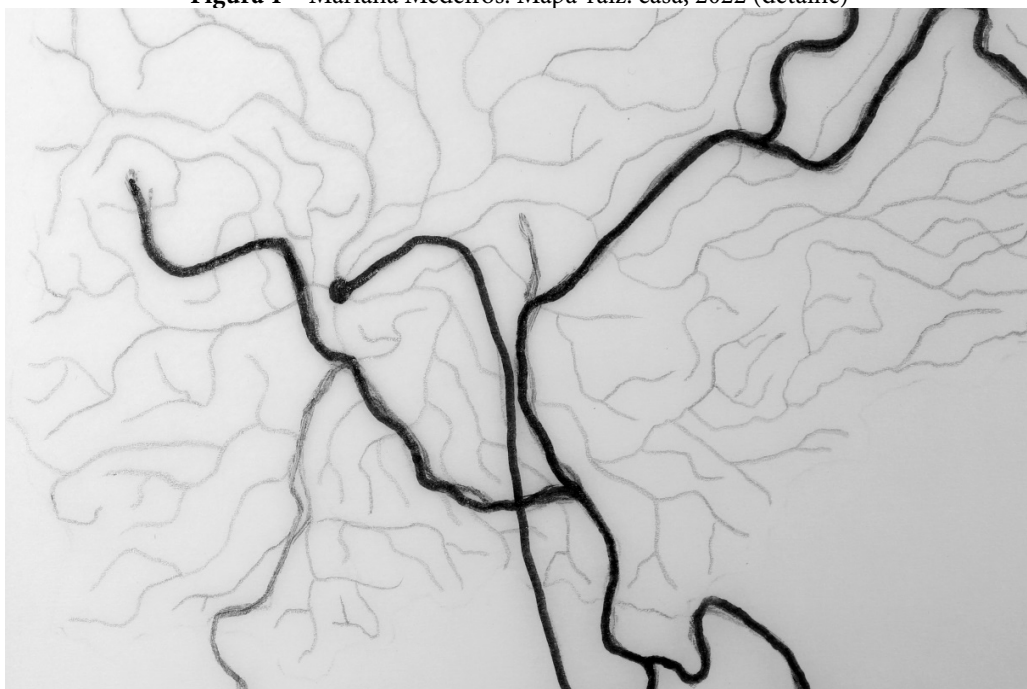
A experiência não é apreendida para ser repetida, simplesmente, passivamente transmitida; ela acontece para migrar, recriar, potencializar outras vivências, outras diferenças (Lopes, 2007, p. 26-27).

Assim, a ideia aqui proposta é também pensar sobre o corpo em deslocamento. Pensar sobre os percursos afetivos trilhados por esse corpo nômade e de que forma as memórias desses espaços podem ser mapeadas.

Pensando nas etapas de elaboração de cada desenho, o primeiro passo foi comum a todos: percorrer por memórias e (re)descobrir os caminhos afetivos. Com isso, fui criando uma espécie de lista mental das casas e cidades que morei. Só em Teresópolis-RJ foram sete casas, uma caminhada, que se fosse feita hoje, seria de 5,1 km, indo de uma a uma. Porém, se a intenção fosse visitá-las por ordem de moradia, essa caminhada se estenderia para 15,1 km. Nesse mesmo sentido, se traçarmos um percurso passando por cada casa que já morei seguindo sua ordem cronológica, seriam 6.361 km percorridos. Assim, de uma forma (in)consciente, fui também mapeando as raízes imaginativamente que, mais tarde, seriam traduzidas pela ação do desenho.

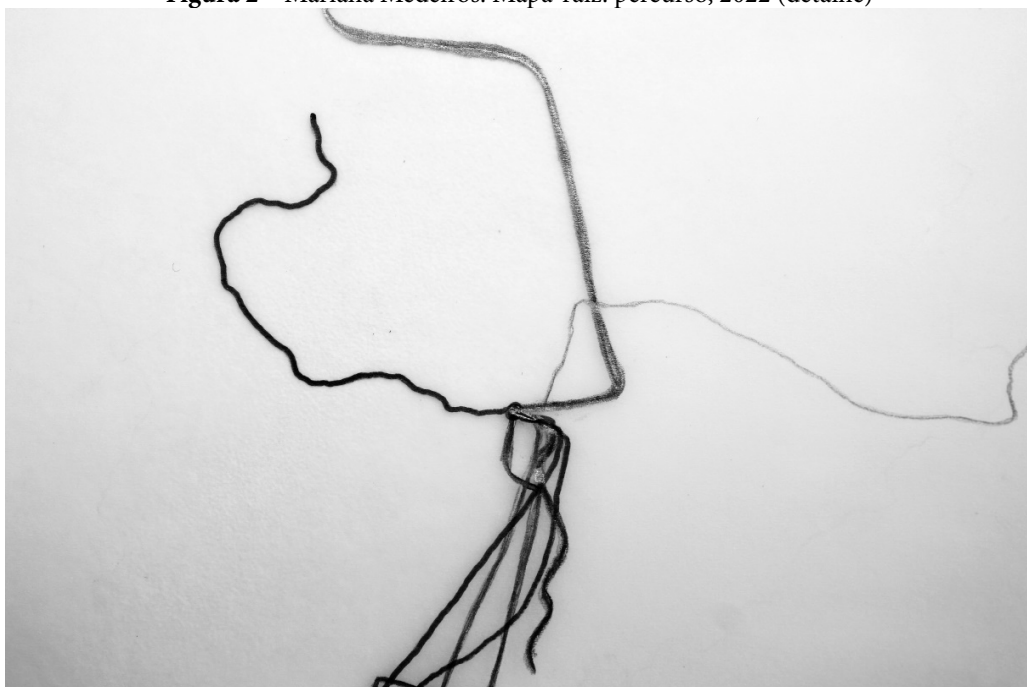
Voltando brevemente à questão dos materiais utilizados, cada seguimento da raiz foi traçado relacionando os materiais com as intensidades das memórias. Na minha prática fotográfica, as intensidades das memórias são destacadas nos rastros e camadas de tempo e memória, e, quando trabalhadas em longa exposição, essas camadas parecem ser intensificadas pelos tons contrastantes e rebaixados presentes na imagem. Pensando nisso, os traçados feitos com caneta nanquim estão relacionados a memórias mais presentes e intensas; as com caneta esferográfica estão relacionadas a memórias também bastante presentes, mas que sofrem com atravessamentos de intensidade dos afetos; já os traçados a lápis, por sua vez, foram relacionados às memórias ainda em construção e às mais antigas, ou seja, àquelas que estão sofrendo mais com a ação do tempo. Dessa forma, em determinados momentos, os traçados a lápis podem ser mais finos e apagados ou mais grossos e intensos (cf. figuras 1 e 2):

Figura 1 – Mariana Medeiros. Mapa-raiz: casa, 2022 (detalhe)



Fonte: A autora.

Figura 2 – Mariana Medeiros. Mapa-raiz: percurso, 2022 (detalhe)



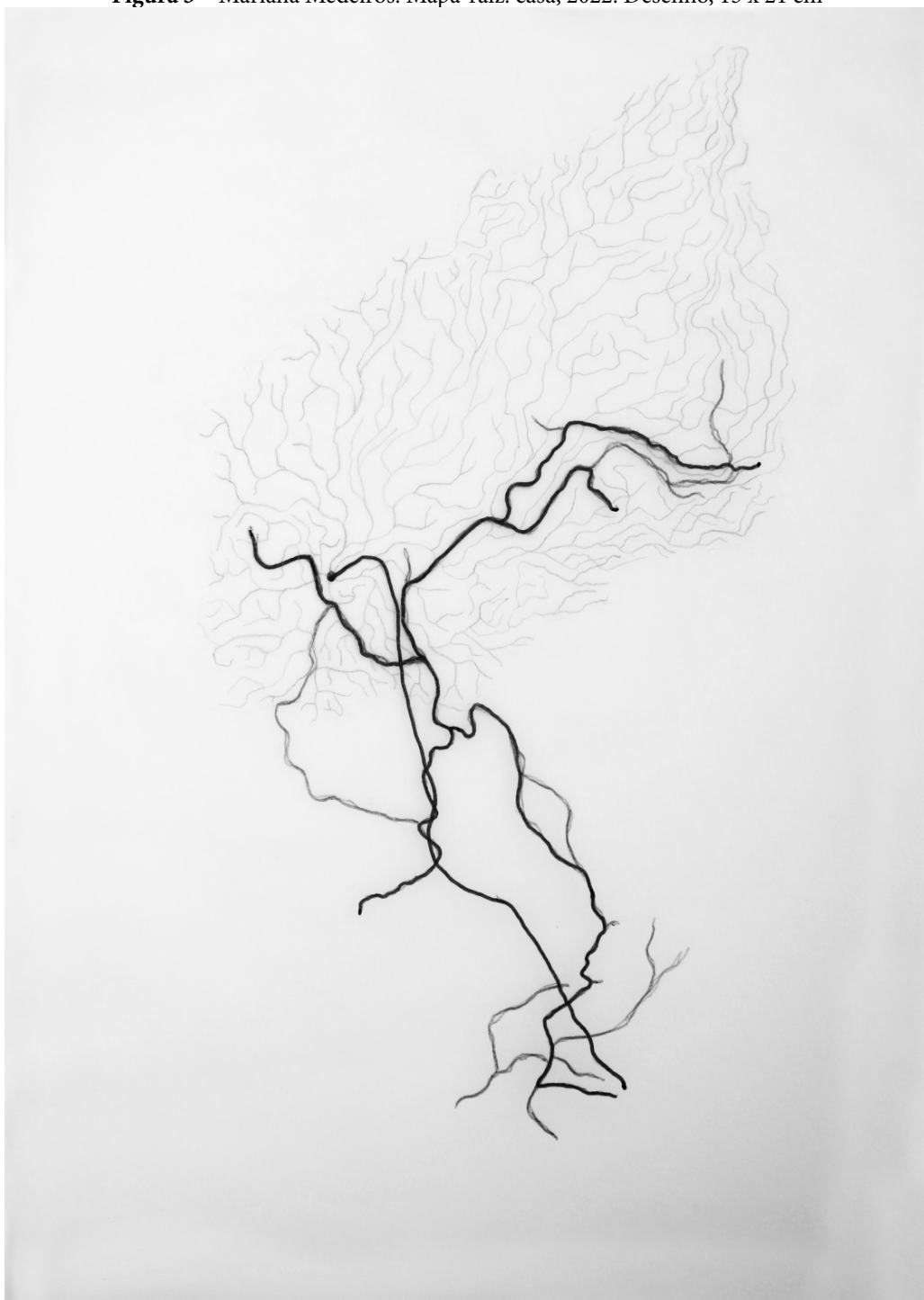
Fonte: A autora.

A primeira raiz (cf. Figura 3) foi elaborada pensando no lugar em que cresci, onde as memórias são mais intensas e para onde sempre retorno. Como mencionei anteriormente, eu me mudei diversas vezes; sendo assim, só em Teresópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, foram 7 casas, mas, dentre elas, há uma onde as memórias são muito latentes e que permanecem comigo, reverberando lembranças. Portanto, elegi essa casa como ponto de partida para fazer brotar minha primeira raiz. Partindo desse ponto-casa, a raiz cresce até alcançar as margens da cidade; cresce, também, no percurso do ponto-casa até a entrada do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, lugar que também é guardião de muitas memórias, e, desse modo, a minha raiz também cresce nas direções dos caminhos percorridos por mim dentro do referido parque.

O segundo desenho (cf. Figura 4) foi desenvolvido em quatro partes, onde cada raiz apresentada está diretamente relacionada a uma cidade, sendo elas: Teresópolis-RJ, Corumbá-MS, Pelotas-RS e Florianópolis-SC, onde moro atualmente. Ordenadas de forma quase cronológica e de cima para baixo, cada raiz cresce até alcançar os contornos de cada cidade e partem de um ponto-casa localizados a partir de mapas reais. Aqui, é interessante observar as intensidades dos materiais relacionados a cada cidade. A primeira é Teresópolis-RJ, e, por ser a cidade que mais abriga memórias e afetos, sua raiz é mais intensa e, portanto, marcada com nanquim. A segunda é Corumbá-MS, onde vivi por dois anos quando era criança. Suas raízes foram traçadas a lápis 6B com a intenção de demonstrar memórias ainda presentes, mas que, pouco a pouco, vão sofrendo com seu inevitável destino de apagamento. A terceira raiz representa Pelotas-RS, onde vivi intensamente por um pouco mais que oito anos, já adulta e por breves períodos de férias na infância. Apesar de ser um lugar que abriga memórias bastante intensas e também recentes, essa raiz foi traçada com caneta esferográfica preta. A quarta e última cidade é Florianópolis-SC, onde vivo atualmente, mas, por se tratar de uma cidade onde vivo há poucos meses e os afetos estão sendo construídos, optei por traçar a raiz com grafite 0.5mm, deixando aberta a possibilidade de intensificação dessas raízes com o passar do tempo.

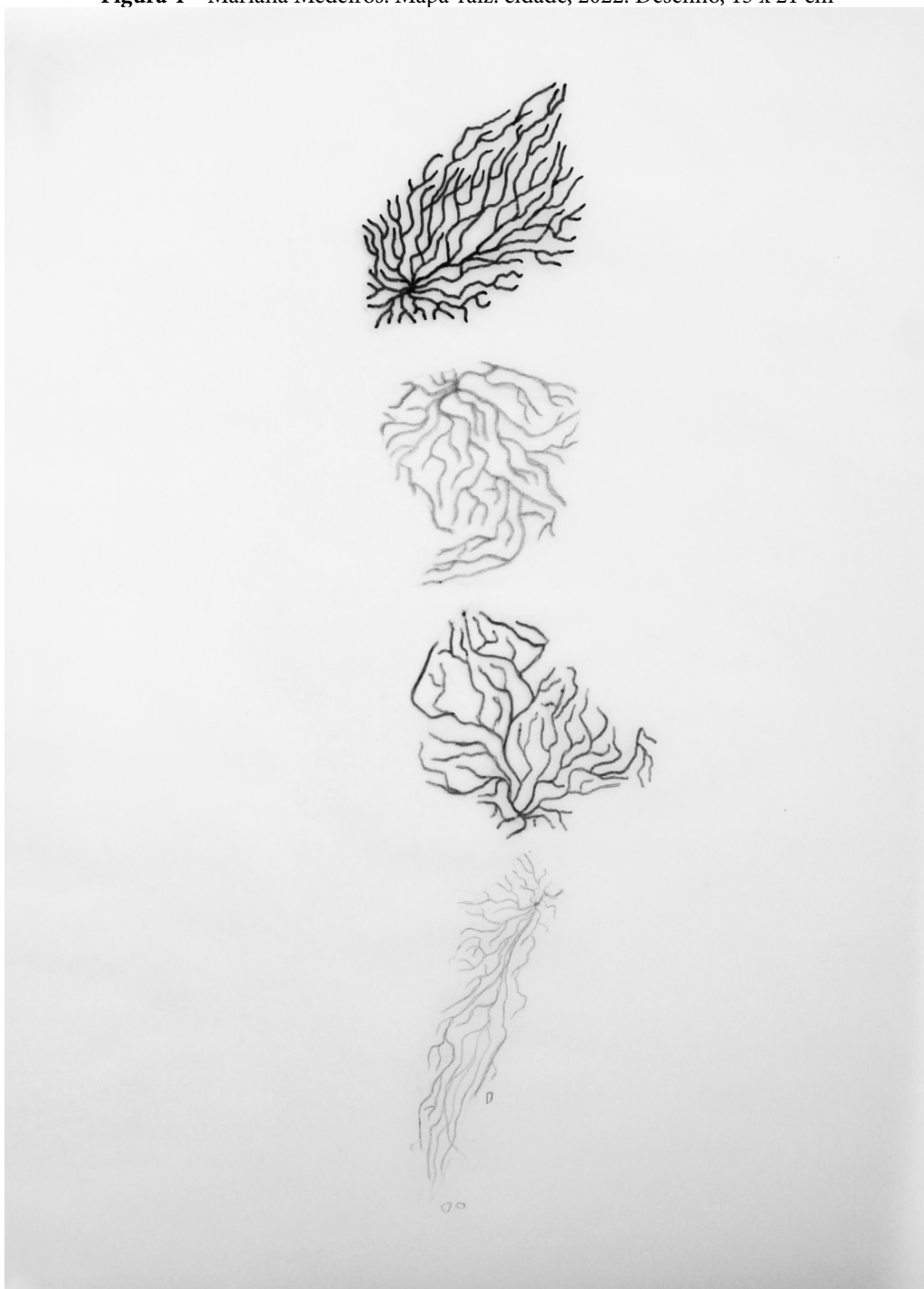
O terceiro desenho (cf. Figura 5) foi pensado na construção da raiz como união das casas, onde o centro é marcado como ponto de encontro de quatro casas elegidas pensando uma para cada cidade vivida, onde os segmentos dessa raiz crescem em diversas direções, tomando forma no mesmo sentido dos caminhos afetivos percorridos a partir de cada casa. Aqui, a relação estabelecida com os materiais mostra que estes foram os mesmos utilizados no segundo desenho, visto que estão conectados.

Figura 3 – Mariana Medeiros. Mapa-raiz: casa, 2022. Desenho, 15 x 21 cm



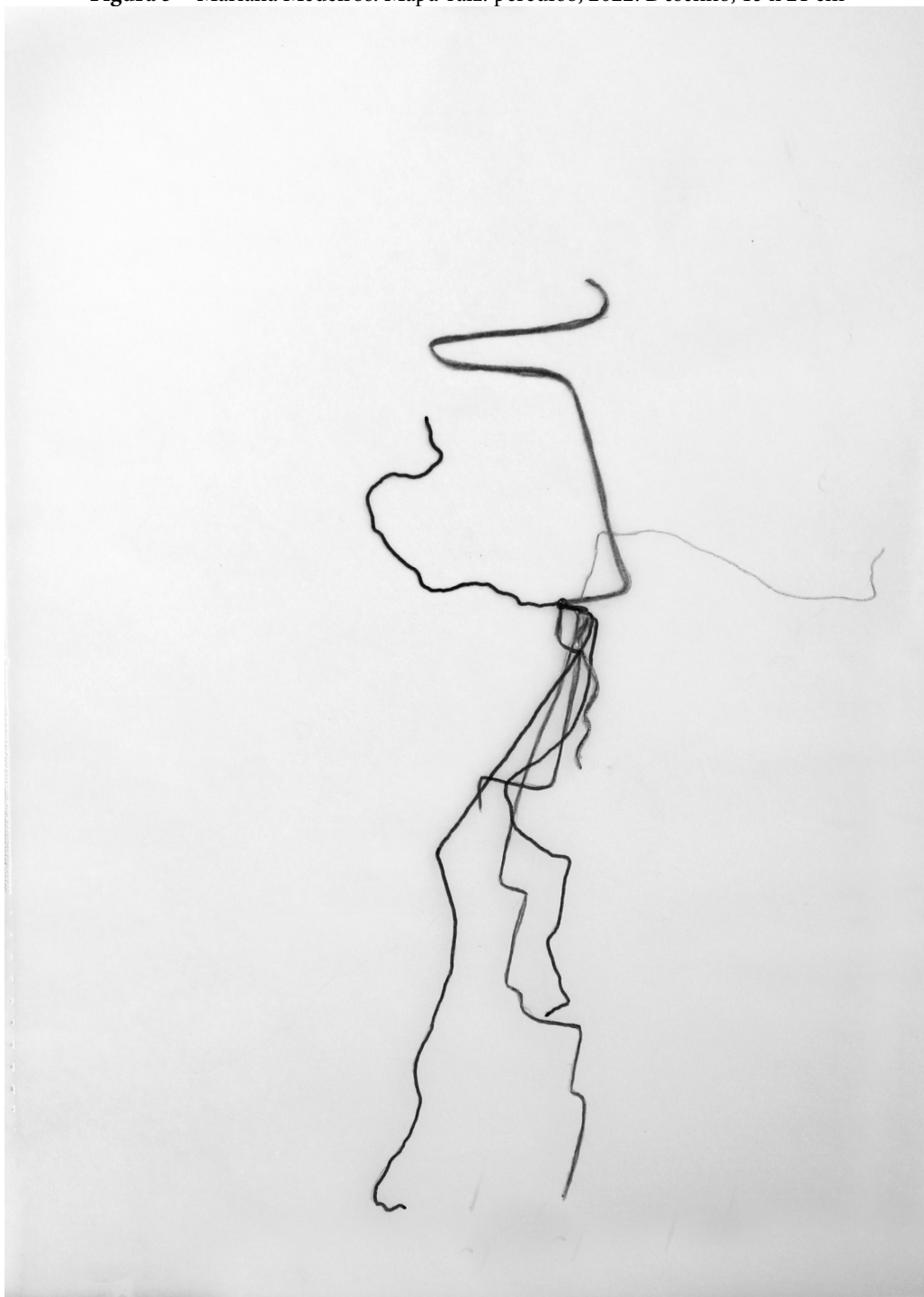
Fonte: A autora.

Figura 4 – Mariana Medeiros. Mapa-raiz: cidade, 2022. Desenho, 15 x 21 cm



Fonte: A autora.

Figura 5 – Mariana Medeiros. Mapa-raiz: percurso, 2022. Desenho, 15 x 21 cm



Fonte: A autora.

Como uma ação paralela ao movimento de traçar meus mapas-raiz, realizei uma espécie de *flânerie* virtual com auxílio do Google Maps para que, além de desenhar esses caminhos, eu pudesse também revisitá-los, percorrendo-os virtualmente. Assim, localizei-me no mapa, uma, duas, três, quatro vezes, desenhando e redesenhando os caminhos e sobrepondo fragmentos de memória e percursos afetivos. Rebecca Solnit (2016, p. 23), em *A história do caminhar*, revela que:

O ritmo da caminhada produz uma espécie de raciocínio ritmado, e a travessia de uma paisagem ecoa ou estimula a travessia de uma série de pensamentos, o que produz uma estranha harmonia entre travessias interna e externa, sugerindo que a mente também é uma espécie de paisagem e que caminhar é uma maneira de percorrê-la (Solnit, 2016 p. 23).

Nesta caminhada, percorri caminhos que busco visitar sempre que tenho chance e caminhos que não percorro a muitos anos, me permitindo olhar além do mapa e convocando o demorar-se na paisagem e a rememoração, pois “[...] a paisagem nunca é igual na ida e na volta, por isso é bom olhar para trás de vez em quando e observar o que você verá ao retornar” (Solnit, 2016, p. 83).

Faz-se importante dizer aqui, também, que, embora tenha sido utilizado mapas como base para cada desenho, o mapeamento não teve a pretensão de ser realizado com a mesma precisão dos mapas tradicionais, mas, sim, marcado pelas intensidades afetivas relacionados aos espaços, uma vez que, “[...] como toda cartografia, ela foi se fazendo ao mesmo tempo que certos afetos foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles” (Rolnik, 2011, p. 26). Nesse sentido, os territórios traçados por mim se compõem a partir das memórias, das relações e dos afetos vivenciados, ao mesmo tempo que pertencem à temporalidade – e não a uma localidade limitada.

Além disso, ao observar os processos de formação dos desenhos através do auxílio de mapas digitais, concluo que, além dos gestos e da paisagem, existe a descoberta. Apesar de o desenho não ser a linguagem que tenho mais afinidade, exercitar o pensamento sobre o meu próprio processo criativo, neste caso, me fez perceber que todo pequeno exercício pode conter novas descobertas nas memórias vividas.

Considerações finais

Apesar de serem caminhos já trilhados por mim para a realização dos desenhos, cada percurso foi realizado não apenas digitalmente mas principalmente por meio das minhas próprias memórias em relação ao espaço. Assim, os desenhos se fazem principalmente pelas lembranças que guardo, através das quais os mapas, neste caso, foram elaborados e refletem experiências afetivas sobre os lugares vividos.

Pensar o desenho como possibilidade de criar mapas dos percursos, sem ir para os espaços, ativou diferentes lembranças. Nesse sentido, o percurso pode ser compreendido conforme Francesco Careri (2013, p. 51) destaca em *Walkscapes*, ou seja, como uma construção simbólica onde o ato de caminhar implicará em “[...] uma transformação dos lugares e dos seus significados”, sendo o caminhar “[...] uma ação que, simultaneamente, é ato perceptivo e ato criativo, que ao mesmo tempo é leitura e escrita do território” (Careri, 2013, p. 51).

Por fim, a possibilidade de realizar um levantamento dos espaços serviu de incentivo para novas descobertas sobre a prática do desenho e da rememoração, tornando esse exercício uma experiência por meio da qual o processo criativo parece seguir ativo, buscando pensar que outros caminhos podem ser mapeados e terem suas linhas apagadas ou intensificadas.

Referências

CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

LOPES, D. *A delicadeza: estética, experiência e paisagem*. Brasília: Editora da UnB: Finatec, 2007.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

OSTROWER, F. *A sensibilidade do intelecto*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1998.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

SOLNIT, R. *A história do caminhar*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2016.

Submissão: 29/05/2023

Aprovação: 20/09/2023